



Mens Agitat, vol. 14 (2019)35-37 . ISSN 1809-4791

35

O Espiritismo não faz prosélitos ?

Robson Fernandes de Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cx. Postal 1664, 59078-970, Natal-RN. robdefarias@yahoo.com.br

Abstract In the present work, a brief discussion about the proselytism in Spiritism is presented, taking as starting point the words of Allan Karde in *The Mediums' Book*.

Keywords: Spiritism, Allan Kardec, proselytism.

INTRODUÇÃO

É fato que o Espiritismo (e considerando, aqui, sua “componente” religiosa), difere (ou deve, deveria diferir, visto que em muitas Casas espíritas certas práticas anti-doutrinárias são com frequência observadas), sobremaneira, das religiões oficiais, como por exemplo, não possuindo sacerdotes, rituais, etc.

Dentre essas diferenças, estabeleceu-se a de que o espiritismo não faz (ou não preocupa-se em fazer) prosélitos. Bem entendido, empregamos aqui a palavra prosélito em sua conotação positiva, de seguidor, adepto, etc., e não no sentido de seguidor acrítico, cooptado de maneira interesseira, etc.

Contudo, sem aumentar-se o número dos que conhecem a doutrina (efetivamente conhecem, isto é, conhecem corretamente seus fundamentos e premissas, etc.) aumentando-se paulatinamente o número daqueles que o professam, como poderia (poderá) o Espiritismo efetivamente cumprir sua missão de constituir-se no “Consolador”, sua missão de doutrina científico/filosófico/religiosa que colocará a humanidade num outro rumo ético e moral ? Como poderá ser profícua, a nuvem que não se converter em chuva ?

Sobre essa dificuldade, já nos alertara Hermínio Corrêa de Miranda [1]:

(...) Enquanto isso, as ideias espíritas, expostas com clareza meridiana, são ainda patrimônio cultural desconhecido das maiorias pensantes. É que não expressam as tendências e perplexidades das maiorias imaturas; ao contrário, expõem roteiro filosófico que exige para sua aceitação e sua prática um esforço muito grande de transformação íntima, um trabalho pertinaz de reforma moral, uma elevada dose de tolerância para as falhas do próximo e intransigente rigor com as nossas próprias deficiências. O Espiritismo nos explica o mecanismo das leis morais, infunde-nos desenvolvimento senso de responsabilidade e mostra-nos que cada um de nós é o artífice da sua própria grandeza ou de sua miséria. Revitalizando a palavra do Cristo, volta a ensinar que a sementeira é livre, mas a colheita obrigatória. Por isso, ainda é

doutrina das minorias: porque exige que o homem suba ao seu nível; jamais lhe seria possível baixar seus padrões para alcançar aqueles que ainda não estão maduros para aceitá-la. Por isso, Allan Kardec, para muita gente, é apenas um nome, para nós que o estudamos com atenção é um guia seguro a iluminar nossos caminhos no trânsito para as conquistas espirituais.

Não obstante, e contrariando um discurso que já enraizou-se na doutrina Espírita, não há nada de anti-doutrinário, nada de “feito”, em se buscar fazer prosélitos. É o que nos propomos discutir no presente artigo, usando, para tanto, as palavras/instruções, de Allan Kardec.

INSTRUÇÕES DE KARDEC NO LIVRO DOS MÉDIUNS

No livro dos médiuns [2], nos diz Kardec:

18. Muito natural e louvável é, em todos os adeptos, o desejo, que nunca será demais animar, de fazer prosélitos. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui nos propomos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, a fim de lhes pouparmos inúteis esforços. (grifos nossos).

Reforcemos: para Kardec não apenas entende que é “natural e louvável” fazer prosélitos, como ele, inclusive, dá “instruções” de como conseguir-se prosélitos. Logo, a máxima de que o Espiritismo não faz, ou não preocupa-se em fazer, prosélitos, foi uma “criação” de outros Espíritos, não de Kardec que, aliás, como pode-se constatar de sua próprias palavras, tinha uma visão diametralmente oposta.

Assim, uma vez estabelecido por Kardec que o desejo (objetivo) de fazer prosélitos é muito natural, resta a fundamental questão de como fazer essa “captação” de prosélitos. Assim, em sequência ao item 18, Kardec prossegue em sua digressão sobre a temática da conquista de prosélitos e como melhor fazê-lo, etc. Tomemos alguns trechos, por ilustrativos/esclarecedores:

Não se espantem os adeptos com esta palavra — ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples

conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. O que desejamos é que seu esforço produza frutos e é por isto que julgamos de nosso dever dar alguns conselhos, de que poderão igualmente aproveitar os que queiram instruir-se por si mesmos. Uns e outros, seguindo-os, acharão meio de chegar com mais segurança e presteza ao fim visado.

29. Os meios de convencer variam extremamente, conforme os indivíduos. O que persuade a uns nada produz em outros; este se convenceu observando algumas manifestações materiais, aquele por efeito de comunicações inteligentes, o maior número pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para a maioria dos que se não preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo: o materialista a atribui a uma causa puramente física ou a embuste; o ignorante e o supersticioso a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as ideias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista. Ora, desde que se reconhece a possibilidade de um fato, três quartos da convicção estão conseguidos.

30. Convirá se procure convencer a um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer persuadi-lo o leva a crer em sua importância pessoal, o que, a seu ver, constitui razão para ainda mais se obstinar. Com relação ao que se não convenceu pelo raciocínio, nem pelos fatos, a conclusão a tirar-se é que ainda lhe cumpre sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias mais favoráveis. Não faltam os que anseiam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a repelem. Dirigi-vos, portanto, aos de boa vontade, cujo número é maior do que

se pensa, e o exemplo de suas conversões, multiplicando-se, mais do que simples palavras, vencerá as resistências. O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela força mesma das coisas, porque torna felizes os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em tomo de si mesmos, entre seus próprios amigos, os que o combatem por sistema compreenderão o insulamento em que se acham e serão forçados a calar-se, ou a render-se.

Nos itens seguintes ao 18, Kardec parte, efetivamente, para detalhar os “tipos” mais comuns dentre os que “resistem” ao espiritismo, e apresenta “instruções” detalhadas de como proceder a fim de superar essas resistências, etc.

Perceba-se que a linguagem mesma empregada por Kardec não deixa dúvidas sobre o propósito posto: conquistar “corações e mentes”: *“Os meios de convencer variam extremamente, conforme os indivíduos.”*; *“Convirá se procure convencer a um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade.”*, etc.

Logo, não há nada de errado em que o Espiritismo, ou antes, os Espíritas, procuram fazer prosélitos. É claro, que sempre com lógica, bom senso, e extremo respeito pelas opiniões divergentes, bem como fraterna aceitação de outras crenças e entendimentos da realidade espiritual.

REFERÊNCIAS

[1] H.C. de Miranda, Estudos e crônicas de Hermínio C. de Miranda, FEB, Brasília, 2011, p. 16-17.

[2] A. Kardec, O livro dos médiuns, FEB, Rio de Janeiro, 2003, p. 41.